

Não há dúvida que o prestimoso e erudito polígrafo se refere à anta, embora não a definindo com a mesma clareza com que define outras no *Itinerario de Evora a Miranda*, de que publiquei um extracto nas *Religiões*, I, 4-5.—A *imagem do santo*, a que êle alude, seria alguma chapa de lousa, d'estas que com freqüência se encontram nas antas do Sul, ou algum ídolo cilíndrico de calcáreo, dos que também não raro se descobrem em estações preistóricas (calcolíticas): mais provávelmente uma chapa de lousa, tanto mais que elas por vezes imitam ou lembram a forma humana.

Ao Dr. Vergílio Correia, Conservador do Museu Etnológico, que há pouco explorou a anta de Pavia, e nela encontrou de facto chapas de lousa, a par com outro espólio industrial, servirá de particular agrado, e de utilidade para o seu estudo, a notícia literária deixada por Severim.

*

No Museu Etnológico, pav. I, most. 9, há nove machados neolíticos e cinco chapas de lousa e um fragmento d'outra, vindos da Escola Politécnica. Tem a designação de «anta de Pavia», e creio que fizeram parte da colecção organizada pelo Dr. Pereira da Costa. Como na região de Pavia há muitas antas, resta saber qual será a de que se aqui trata.

J. L. de V.

Miscelânea arqueológica

1. A igreja de Santa Maria, de Sintra

Tam bem se acomodam jóias num colo formoso, que, preso do efeito geral, o olhar não as pormenoriza. Assim acontece com certas estâncias, tam ricamente beneficiadas pela natureza, que quasi passam despercebidas, como complementos essenciaes de beleza, as maravilhas com que as dotou a arte humana.

Está neste caso Sintra, cujo aspecto monumental e artístico se cifra para o forasteiro aos paços da vila e da Pena, ao Monserrate, ao arco de Sitiais, à magnifica vivenda moderna do Dr. Carvalho Monteiro, e não sei se mais alguma obra de arte, ofuscada pelos esplendores da paisagem.

É preciso afeiçoar os olhos à feitiçaria do conjunto para ir descobrindo e isolando encantadoras minúcias, dignas por si só de encherem de interêsse menos afamados sítios. A velha Sintra reserva ainda deliciosas surpresas para quem a percorre com mais vagar e olhos de ver.

Não trarei novidade aos mais eruditos, mas gabo-me de a dar a muitos dos amadores de arte, assinalando à sua atenção a linda igreja paroquial de Santa Maria do Arrabalde, sobre a qual por enquanto apenas tenho encontrado raras e muito vagas referências, não tendo por aqui à mão elementos para satisfazer a curiosidade que, como arqueólogo e artista, ela me despertou.

Na pitoresca estrada que da Sabuga sobe até o convento da Trindade, e daí para S. Pedro, encontra-se à esquerda, com um adjacente terreiro arborizado, uma fachada banal do sec. XVIII, ao centro da qual se rasga uma ampla portada gótica, que a escôva de recentes restauradores rejuvenesceu e branqueou. A coluna central, que divide as portas geminadas, acusa a intervenção de artistas imbuidos de Renascença, que provávelmente correspondem à data de 1711, embutida sobre o portal. Outra data, a de 1757, inscrita no dissaborido tímpano, marca a reconstrução da parte superior, após a catástrofe ocorrida dois anos antes. Da primitiva parece também ser a porta lateral, igualmente gótica, e cuja cantaria igualmente se desencanecou.

O interior do templo é dividido em três naves por quatro colunas, sustendo de cada lado, entre o côro e a capela-mor, três arcos em ogiva. O teto em tumba data da restauração posterior ao terremoto. O estuque muito moderno das paredes encobre, sem dúvida, pelo menos em grande parte, a cantaria da primitiva igreja gótica.

Do velho edificio, porém, além das colunas, se conservam resquícios valiosos, como a abóbada sob o côro, com as suas elegantes nervuras e os fechos em rosácea; uma linda pia baptismal trilobada, que me parece da Renascença; e sobretudo, a admirável capela-mor, do mais puro estilo ogival, fazendo lembrar uma miniatura da igreja desmoronada do Carmo, de Lisboa.

Dos séc. XVI e XVII são as numerosas sepulturas rasas que no recinto da igreja se calcam. Duma delas já deram notícia os Srs. Braamcamp Freire (*Brasões da Sala de Cintra*, liv. I, p. LX) e Conde de Sabugosa (*O Paço de Cintra*, p. 125). É a de António de Moraes, mestre das obras dos paços de Sintra, falecido em 1589. Também na sacristia existe a sepultura dum dos priores, Pedro de Bem de Salinas, falecido em 1686.

Num nicho da mesma sacristia vê-se uma curiosa escultura, talvez do sec. XV, cuja identificação me deixou em dúvida, se bem que lhe atribuam a representação de Santa Catarina.

No cartório da igreja, que me foi obsequiosamente mostrado pelo digno prior, Rev.^{do} Alfredo Ramalho, encontram-se documentos que

remontam ao século XVI, relativos a foros e bens pertencentes à freguesia, além de velhos registos paroquiais. Merecem, porventura, mais atento exame, ao qual tentarei consagrar algumas horas vagas, no empenho de esclarecer quanto possível a história da interessante igreja.

A impressão, que dela me tem deixado algumas rápidas visitas, é de que lhe cabe um lugar, embora modesto, no inventário das riquezas monumentais do país. Por isso, antes de a recomendar à desvelada atenção da comissão de monumentos, me lembrei de atrair sobre ela o interesse dos estudiosos e de, por intermédio deste jornal, estimular a curiosidade de quem possa e queira dar-me informações, livrescas ou inéditas, sobre a sua historia e as suas tradições.

Contemporânea de D. Afonso Henriques a supõem os escritores que me tem sido dado consultar, entre eles o autor da *Cintra Pinturesca*. Possível é que assim seja. A arquitectura denuncia, porém, um período posterior, que não deve antecipar-se ao séc. XIV. Como quer que seja, bastaria essa antiguidade, bem como a pureza de certas linhas architectónicas que ainda nela se divisam, para que mereça o desvelo de quantos prezam a arte e a arqueologia.

É uma jóiazinha, piedosamente engastada na exuberância da serar dilecta dos deuses. Deturparam-na mãos achavascadas, escavacou-a o cataclismo sísmico, rasparam-lhe a pátina venerável dos séculos, bafejou-a o catitismo amaneirado de recentes eras; mas os restos das primitivas galas ainda falam ao coração dos homens, não empedernidos pela banalidade ambiente. A eles é que eu recomendo este recanto, quasi que inédito, da Sintra desconhecida.

Sintra, 2 de Setembro de 1913.—*Henrique Lopes de Mendonça*.

(*Diário de Notícias*, de 9 de Outubro de 1913).

2. Nomes de ruas

A antiga Rua das Portas de Santo Antão, desta cidade, é hoje a Rua Eugénio dos Santos. Não sou especialmente devoto do antigo patrono da rua, mas custou-me vê-lo esbulhado daquela honra, que era sua há tantos séculos. Na cêrca com que D. Fernando mandou cingir Lisboa, depois dos desastres da guerra com Castela, já existiam as portas de Santo Antão; e nelas combateram bravamente os vilões portugueses, contra os Castelhanos que cercavam a cidade, no tempo do Mestre de Avis. Quando, em 1755, a terra, em convulsões de epilético, quasi arrasou Lisboa, as águas do mar subiram, submergindo as ruínas até as portas de Santo Antão. É pois um nome que evoca recordações, que lembra perigos, desgraças e heroísmos dos nossos remotos avós, e que portanto conviria respeitar.

Hoje chama-se de Eugénio dos Santos; e o letreiro escrito na esquina do velho palácio dos Condes de Almada diz-nos que o novo patrono da rua foi architecto, e esclarece-nos sobre as datas do seu nascimento e da sua morte. Feliz disposição que me tirou de embaraços: tratava-se, sem dúvida, do architecto que o Marquês de Pombal encarregou de fazer o plano da reconstrução da cidade.

Eu julgo que, a pôr nomes de indivíduos às ruas, só deveriam empregar-se os de pessoas que o povo, por gratidão, tenha ou deva ter de memória; e não me parece que o autor do plano da cidade triste e monótona, que é a nossa Baixa, se possa considerar nesse caso.

No entanto pensei que, possivelmente, haveria, em outras ruas, denominações menos justas ainda; e para informar-me folheei conscienciosamente o Roteiro de Lisboa. Sei o respeito que se deve aos mortos, e por isso não publico uma longa lista de pessoas, cujos nomes ornem as esquinas das ruas, mas de cujos actos não ficará menção que valha na história da nossa terra.

Felizmente o povo, mais conservador do que se julga, há-de continuar chamando de Santo Antão à Rua de Eugénio dos Santos, como chama Patriarcal à praça que foi do Príncipe Real e é hoje do Rio de Janeiro, tendo sido em tempos, o Largo do Seminário, como conhece pelo nome de Rua dos Capelistas a Rua do Comércio, que há poucos anos era Nova de El-Rei, e, nos primeiros tempos da monarquia, simplesmente Rua Nova, etc.

É realmente pena que alguns nomes de ruas, tam característicos, se perdessem. Havia, em tempos, uma Rua do Chinelo, cujo nome mudaram para o de Travessa Nova de Santos, embora já houvesse uma calçada, três pátios e duas vilas com o mesmo nome, não contando com o Largo de Santos-o-Novo e a Rua de Santos-o-Velho.

Havia a Travessa das Moças, que passou a ser do Olival, tornando-se homónima de mais duas travessas, um beco, uma calçada, um largo e uma rua.

Na Pena existiu o Beco dos Chifres, que crismaram em Calçada de Santo António; ora tinha já este nosso santo sob a sua alta protecção vinte vias públicas; e que necessidade havia de, em seu proveito, ir tirar os chifres ao beco?

Alguns nomes antigos eram mesmo bonitos, como o de Valverde, que é a Avenida da Liberdade; Rua da Fonte Santa (hoje Possidónio da Silva), Rua do Vale Escuro (hoje Castelo Branco Saraiva).

Outros simplesmente curiosos, como o de Pote das Almas, Rua da Adição, Travessa dos Bodes, Beco do Tem-Tem, Rua da Cruz do Mau, etc.

O nome antigo mais curioso é talvez o da Travessa do Cataquefarás, hoje Travessa do Alecrim. Havia por aqueles sítios a Porta do Corpo Santo, cujo nome, nos primeiros tempos de monarquia, era Postigo do Cataquefarás.

Vê-se, pois, que já nesse tempo havia em Portugal pessoas a quem atribulava a grave doença de não ter que fazer, e que iam para aquele sítio buscar entretenimento.

Passaram séculos, desenvolveu-se enormemente a cidade, e hoje para os indivíduos que não sabem que fazer, não há só um postigo, há muitas portas, lojas, cafés, esquinas de ruas, por todo esse largo espaço que vai das Duas Igrejas ao Martinho e à Rua do Ouro.

É esta uma parte da cidade que mais ou menos corresponde ao antigo arrabalde da Pedreira, também chamado bairro do Almirante, porque nele morava o almirante Lancerote Pessanha; pois se a edificação de hoje quisesse o meu conselho, dava-lhe o nome de bairro de Cataquefarás, com que reatava, com justíssimos motivos, uma velha e respeitável tradição.

Escaparam no entanto ainda alguns nomes, como os de Largo da Achada, Travessa das Bruxas, Rua das Atafonas, Beco do Quebracostas, Travessa da Trabuqueta, Azinhaga do Asno e outros.

¿Quem ha-de esquecer a morada de um prestigioso político da Rua das Atafonas, ou de uma interessante menina do Largo da Achada, ou de um mimoso poeta da Azinhaga do Asno?

Mas mudem essas importantes pessoas para a Travessa de José António Pereira, ou para a Rua de José Domingos Barreiros, ¿e vejamos se é possível conservar-lhes as residências de memória?

¿Como estes dois últimos nomes são enormes! Mas parece que em certa época presidiu à denominação das ruas esse critério dos nomes grandes: Avenida de Fontes Pereira de Melo, Rua de Camilo Castelo Branco, etc. ¿Pois não poderia dizer-se Avenida de Fontes e Rua de Camilo? ¿Ou teme alguém que se confundam os nomes do estadista e do escritor com o de qualquer merceeiro?!

Há muitas ruas com nomes de conselheiros: Rua do Conselheiro Ferreira do Amaral, do Conselheiro Pereira Carrilho, etc. Imagina a gente que esses vários cidadãos não teriam dado o nome às ruas, se a munificência régia os não tivesse agraciado com a carta de conselho. E talvez seja verdade. No entanto houve em Portugal um homem que o país adorou e por amor do qual sofreu Lisboa um demorado cárcere: foi o Mestre de Avis; e não há em Lisboa uma rua com o seu nome. No mesmo caso estão a Rainha D. Leonor e Fr. Miguel Contreiras, a quem se deve a instituição das Misericórdias. Bem sei

que são dois reis e um frade; mas Portugal não vai de certo rasgar sete séculos de história só por nela influírem padres e reis. E depois, tivemos muita gente ilustre que não reinou nem foi tonsurada e cujos nomes dariam honra às esquinas dos nossas ruas. Vejam por exemplo, o Sá das Galés. Determinou D. João I de Castela, que então cercava Lisboa, tomar as galés portuguesas que estavam encostadas à terra e mal vigiadas pelos nossos que principalmente atendiam à defesa das muralhas. Pois o Sá, apenas com o auxílio de um escudeiro, conseguiu expulsar os castelhanos de uma galé que já tinham tomado, o que lhe rendeu quinze feridas e o nome de Sá das Galés, pelo qual foi depois conhecido. Ora aí está: quando tiverem uma rua a que pôr nome, dêem-lhe o do Sá das Galés, e chamem à travessa próxima, do Escudeiro, se a história, o que eu não averigui, lhe esqueceu ingratamente o nome.—*F. Mira.*

(*A Luta*, de 19 de Abril de 1914).

3. Lápide de um Bracarense encontrada na cidade de Astorga

d · M ·
 PROCVLO
 f · GALERA · BRA (*sic*)
 benefiCIARÍO · PROC ·
 ann..... M · TERENTIVS
 S · H ·

[*D(is)*] *M(anibus)*... *Proculo* [...*f(ilio)*] *Galera Bra(cara)* [*benefi-*
ciario proc(onsulari)] [*ann(orum)*...?] *M(arcus) Terentius s(ecundus)*
h(eres).

A los dioses Manes, A... Próculo, hijo de... de la tribu Galeria, natural de Braga, beneficiario del Procónsul, de... años de edad, hizo este monumento Marco Terencio, su segundo heredero.

Lápida de mármol blanco, mutilada por el principio de los renglones. Mide 53 centímetros de alto por 35 de ancho; las letras son del siglo primero ó segundo, los puntos, triangulares, y después de la M de la primera línea y de la H de la última, hacen de puntos sendas hojitas lanceoladas.

Respecto á la interpretación de la sigla BRA, es de advertir que, aunque Próculo pertenecía á la tribu Galeria, bien pudo ser natural de Braga, adscrita á la Quirina; pues en uno de los epígrafes austuricenses que hemos reseñado, figura um Quinto Cumelio Celer,

veterano de la legión II Ayudadora, que era natural de aquella ciudad, y sin embargo, pertenecía á la tribu Fabia; lo cual nos explicábamos observando que en el último siglo de la República, las tribus perdieron el caracter geográfico de circunscripción ó domicilio que habían tenido desde su principio, para tomar el personal, hereditario ó puramente de familia¹.

Así se explica también que un Lucio Flavio Cesiano, soldado de la cohorte IV pretoriana, fallecido en Roma², y el veterano Alfio Reburro que aparece en una inscripción descubierta en Pinhão (Portugal)³, perteneciesen, el primero á la tribu Pomptina y el segundo á la Quirina, no obstante ser ambos naturales de Astorga.

No es éste el primer Próculo que se nos ofrece en la epigrafía austuricense, ni tampoco el primer *beneficiario*. Próculo se llamaba el niño de la gente de los Tritálicos, natural de Uxama (Osma), que falleció en Astorga á los tres años de edad⁴.—*Marcelo Macías*.

(Do *Boletín de la Comisión Provincial de monumentos de Orense*, IV (1913), pp. 361-362).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliografías

I

J. Leite de Vasconcellos.—*Religiões da Lusitania*, vol. III, fasc. II (et dernier). Lisbonne, Imprensa Nacional, 1913. In-8°, pp. 369-636, avec nombreuses figures.—Commencé en 1892, le grand ouvrage de M. Leite est aujourd'hui terminé, après vingt et une années de travail. Nous avons là un véritable *Corpus* des antiquités lusitaniennes, dont l'intérêt et l'importance sont encore accrus par des comparaisons nombreuses et précises avec les antiquités d'autres pays, en particulier de l'Espagne et de la Gaule. M. Leite est un archéologue parfaitement documenté, ce qui ne fait pas seulement son éloge, mais celui des bibliothèques de Lisbonne, qui paraissent recevoir tous les travaux de détail publiés dans le reste de l'Europe. Cette troisième

¹ *Boletín*, tomo I, p. 402. Hübner, 2639.

² *Id.*, tomo II, p. 110. Mommsen, I, n. 6342.

³ Hübner, *Addit. ad Corp.*, vol. II (1899) n. 111 (=6291), y mi *Epig. rom. de Astorga*, p. 126.

⁴ *Boletín*, tomo II, p. 18. Hübner, 5077.